

**PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA: A
XENOFOBIA EM QUESTÃO**

**REPERCUSIONES DE LA XENOFOBIA EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA-
APRENDIZAJE DE ESTUDIANTES MIGRANTES INTERNACIONALES**

**PROCESO DE ENSEÑANZA-APRENDIZAJE Y MEDIACIÓN PEDAGÓGICA: LA
XENOFOBIA EN CUESTIÓN**



10.56238/revgeov16n5-037

Laiz Nascimento Egues

Graduada em Pedagogia

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus Pantanal

E-mail: laiz.nascimento@ufms.br

Patrícia Teixeira Tavano

Pós-doutorada em Estudos Fronteiriços

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

E-mail: patricia.tavano@ufms.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8740916203493679>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3145-7818>

RESUMO

O texto aborda as vulnerabilidades enfrentadas por migrantes internacionais no ambiente escolar, destacando os impactos da xenofobia na convivência, no bem-estar emocional e no desempenho acadêmico desses estudantes. A discriminação, muitas vezes naturalizada como “brincadeiras”, evidencia a necessidade de uma educação inclusiva que valorize a diversidade cultural. O estudo, de caráter bibliográfico exploratório, baseia-se em buscas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e no portal Periódicos da CAPES, resultando na seleção de nove produções relevantes sobre xenofobia e educação. O papel do professor é ressaltado como fundamental no processo de ensino-aprendizagem, atuando como mediador que adapta estratégias às necessidades dos alunos, promovendo engajamento, respeito e construção ativa do conhecimento. A mediação docente vai além da transmissão de conteúdos, envolvendo empatia, escuta e incentivo à autonomia, especialmente em salas de aula heterogêneas, como aquelas que incluem estudantes migrantes.

Palavras-chave: Migração Internacional. Xenofobia. Mediação Docente. Estudantes Migrantes.

ABSTRACT

The text addresses the vulnerabilities faced by international migrants in school environments, highlighting the impacts of xenophobia on social interaction, emotional well-being, and academic performance. Discrimination, often normalized as “jokes,” reveals the urgent need for inclusive education that values cultural diversity. This exploratory bibliographic study is based on research conducted in the CAPES Theses and Dissertations Catalog and the CAPES Journals portal, resulting in the selection of nine relevant publications on xenophobia and education. The teacher’s role is



emphasized as fundamental in the teaching-learning process, acting as a mediator who adapts strategies to students' needs, fostering engagement, respect, and active knowledge construction. Teacher mediation goes beyond content delivery, involving empathy, active listening, and the encouragement of autonomy—especially in heterogeneous classrooms, such as those that include migrant students.

Keywords: International Migration. Xenophobia. Teacher Mediation. Migrant Students.

RESUMEN

El texto aborda las vulnerabilidades que enfrentan los migrantes internacionales en el entorno escolar, destacando los impactos de la xenofobia en la convivencia, el bienestar emocional y el desempeño académico de estos estudiantes. La discriminación, muchas veces naturalizada como “bromas”, evidencia la necesidad de una educación inclusiva que valore la diversidad cultural. El estudio, de carácter bibliográfico y exploratorio, se basa en búsquedas en el Catálogo de Tesis y Disertaciones de la CAPES y en el portal Periódicos de la CAPES, resultando en la selección de nueve producciones relevantes sobre xenofobia y educación. El papel del docente se resalta como fundamental en el proceso de enseñanza-aprendizaje, actuando como mediador que adapta estrategias a las necesidades de los alumnos, promoviendo el compromiso, el respeto y la construcción activa del conocimiento. La mediación docente va más allá de la transmisión de contenidos, implicando empatía, escucha y fomento de la autonomía, especialmente en aulas heterogéneas, como aquellas que incluyen a estudiantes migrantes.

Palabras clave: Migración Internacional. Xenofobia. Mediación Docente. Estudiantes Migrantes.



1 INTRODUÇÃO

A cidade de Corumbá, a oeste de Mato Grosso do Sul, estabelece linha de fronteira internacional com a Bolívia, através das cidades de Puerto Quijarro e Puerto Suarez. Recebe, historicamente, estudantes migrantes internacionais no sistema educacional público e privado, onde encontramos rotineiramente estudantes de diversas nacionalidades, sejam crianças, jovens ou adultos de migração residente, ou de migração pendular.

Tavano et al (2024), ao pesquisarem a rede pública municipal de Corumbá, demonstraram que ao longo de uma década, o quantitativo de matrículas de estudantes internacionais aumentou quase cinco vezes, indicando a presença de dez nacionalidades distintas entre os estudantes, com predominância numérica de bolivianos. As autoras também chamam a atenção que esse quantitativo se refere à migração residente, pois a migração pendular não foi quantificada, estimando-se - através da sinalização dos professores da rede municipal participantes da pesquisa - a sua existência em duas a três vezes mais migrantes pendulares do que migrantes residentes.

O contingente de estudantes que vivem na Bolívia e estudam em Corumbá – considerados migrantes pendulares - enfrentam desafios significativos, como a adaptação a um novo sistema educacional, a barreira do idioma e as dissonâncias culturais. Muitas vezes, a distância física implica um esforço extra para se estabelecerem na nova realidade escolar, o que pode gerar sentimentos de isolamento. Por outro lado, os bolivianos que residem em Corumbá – considerados migrantes residentes - e frequentam as escolas da rede municipal também enfrentam seus próprios desafios, como a pressão para se integrar à cultura local enquanto tentam preservar suas tradições. Ambos os grupos lidam com a complexidade de equilibrar identidade cultural e inclusão, enfrentando preconceitos e buscando aceitação em um ambiente educacional que, embora diversificado, ainda pode ser desafiador. Essa dinâmica revela a riqueza da experiência multicultural, mas também destaca a necessidade de suporte e compreensão para promover um ambiente mais acolhedor e inclusivo. Egues e Tavano (2024, p. 100) exemplificam que:

Nessa dinâmica cotidiana de vaivém, ocorre uma imersão e emersão simultânea em ambas as direções. Em outras palavras, à medida que as pessoas emergem de seu país para se imergir em outro, também emergem do país vizinho para se imergir novamente em sua terra natal. (Egues e Tavano 2024, p. 100)

Embora a presença de estudantes migrantes nas escolas públicas de Corumbá seja frequente e em ampliação, é importante destacar que apenas as escolas de regime integral da rede oferecem regularmente o ensino da língua espanhola, idioma majoritário desses estudantes e língua materna de conforto (Tavano et al, 2024). Também não foram localizadas iniciativas de oferta de Língua Portuguesa como Língua de Acolhimento.



Pesquisas, como a de Vernocchi (2022), indicam que muitos estudantes brasileiros em Corumbá demonstram resistência em aprender a língua espanhola, ou castellano. Essa negação pode ser atribuída a fatores culturais, preconceitos e à falta de valorização da língua como um elemento de identidade na região. Em Corumbá, onde a convivência com a Bolívia é intensa, a ausência de um currículo bilíngue nas escolas e que aborde as particularidades linguísticas e culturais da fronteira contribui para essa resistência. Isso dificulta a integração e o diálogo entre os estudantes de diferentes nacionalidades. Essa situação destaca a necessidade de promover um ensino mais inclusivo e contextualizado, que reconheça e valorize a diversidade linguística presente na região, pois

É comum observar algumas pessoas da cidade de Corumbá e Ladário rotular qualquer falante da língua espanhola/*castellana* como boliviano, ignorando os países vizinhos falantes destas línguas. Essa conclusão é feita, principalmente, quando o falante tem um fenótipo indígena. O preconceito e xenofobia presente na região pode fazer com que o aluno não tenha interesse em aprender o espanhol ou *castellano*, pois vai estar “falando igual boliviano”. (Vernochi 2022, p. 29)

Importante destacar que os migrantes internacionais estão expostos a diversas vulnerabilidades, sejam do próprio processo migratório, sejam da falta de acolhimento e respeito nos países receptores, como é o caso da xenofobia, que frequentemente enfrentam no ambiente escolar e pode afetar a convivência e o aprendizado (Egues; Tavano, 2024). Muitas vezes, atitudes discriminatórias surgem devido à falta de conhecimento e compreensão sobre as culturas, fazendo com que os estudantes migrantes enfrentem bullying, exclusão e estigmatização, o que não apenas prejudica seu desempenho acadêmico, mas também impacta seu bem estar emocional. Vernochi (2022 p. 33) exemplifica que:

Os alunos que praticam xenofobia ou bullying utilizam termos como “boliva” ou “fedido” para se referirem aos alunos bolivianos. Já nas escolas da cidade de Corumbá, na maioria das vezes é utilizada a palavra “choco”. Por mais que utilizem esta palavra de forma pejorativa, na Bolívia ela significa “loiro” ou “ruivo”, o que acaba sendo uma contradição. (Vernochi 2022 p. 2)

Essa realidade destaca a necessidade de promover uma educação inclusiva que valorize a diversidade cultural e fomente o respeito mútuo entre todos os estudantes, contribuindo para um ambiente escolar mais acolhedor e igualitário. Ainda que muitas vezes seja descrita como “brincadeira de criança”, a xenofobia “constrange os alunos, limita sua comunicação e impacta seu potencial de aprendizagem” (Egues; Tavano, 2024, p. 109).

Considerando os impactos da xenofobia no ambiente escolar e suas consequências para os estudantes, este artigo é oriundo do Programa de Iniciação Científica e Tecnológica Voluntária (PIVIC/PIVITI) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e busca explorar, ainda que de forma inicial, o processo de ensino-aprendizagem para os estudantes migrantes, apresentando práticas educativas que podem ser implementadas para apoiar a aprendizagem desses sujeitos.



2 SELEÇÃO BIBLIOGRÁFICA PARA ESTE ESTUDO

Este estudo trata de pesquisa bibliográfica exploratória-descritiva, utilizando como fonte de dados o Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES, sem delimitação temporal para as produções. Inicialmente foi utilizada a combinação de palavras-chave relacionadas a “xenofobia e ensino/aprendizagem”, mas não obtivemos resultados. Em seguida, fizemos uma busca com a palavra "xenofobia" isoladamente, o que resultou em 116 itens. A partir desses resultados, começamos a selecionar títulos que abordavam temas relacionados à escola, aprendizagem e educação, donde foram identificadas 7 produções que tratam especificamente dessas temáticas no contexto escolar que estão indicadas no quadro 1.

Quadro 1. Teses e dissertações selecionadas para o estudo

TÍTULO	AUTOR	ANO	PALAVRA CHAVE
Imigrantes, xenofobia e racismo: uma análise de conflitos em escolas Municipais de São Paulo.	Leila Maria de Oliveira	2019	Currículo; Migrantes; Xenofobia; Racismo; Educação intercultural; Alteridade; Escola Municipal em São Paulo
Xenofobia em ambiente escolar: uma análise de estudo de caso em Corumbá/MS	Alcino Gabriel da Silva Vernochi	2022	Xenofobia; Fronteira escola
Histórias em quadrinhos como recurso pedagógico contra a xenofobia e o preconceito linguístico	Jose Ricardo Goncalves da Costa	2020	Xenofobia; Preconceito linguístico; Produto educacional; Histórias em quadrinhos; Educação profissional e tecnologia
Perspectivas sobre o processo de escolarização de alunos Imigrantes e refugiados nas escolas municipais do complexo da Maré/RJ	Glauce de Lima Silva	2023	Imigração Refugio Xenofobia Racismo
Eu não te quero aqui! Xenofobia contra migrantes forçados no Brasil: uma herança colonial	Clara Ribeiro Arão	2021	Direitos humanos; Migrantes forçados; Xenofobia; Colonialidade; Decolonialidade
Educação de reexistência no ensino de língua espanhola: problematizando discursos racistas e xenófobos na produção de tiras em quadrinhos e de uma unidade temática	Valdiney da Costa Lobo	2018	Ensino de língua espanhola; educação de reexistência; autoetnografia conceitualista; turma do fulano (personagens fictícios); letramento de leitura.
Detecção de linguagem tóxica aplicada a textos em português	Douglas de Oliveira Trajano	2023	Processo de linguagem natural; Extração de informação reconhecimento de identidade; Comentário tóxico; Xenofobia

FONTE: Organização das autoras com base no levantamento realizado no Banco de Dissertações e Teses da CAPES



É importante enfatizar que a dissertação de Clara Ribeiro Arão, intitulada “Eu não te quero aqui! Xenofobia contra migrantes forçados no Brasil: uma herança colonial”, que consta no Quadro 1, acabou por ser descartada desta análise, pois seu arquivo não estava disponível para acesso online tampouco físico, impossibilitando sua consulta. Além desta, a dissertação de Douglas de Oliveira Trajano, com título “Detecção de linguagem tóxica aplicada a textos em português”, que também está listada no Quadro 1, foi descartada após a análise mais aprofundada, pois revelou não trazer informações diretamente relacionadas ao objetivo desta pesquisa. Optamos por mantê-las no Quadro 1 como forma de fidedignação dos dados encontrados, ainda que não utilizados nesse momento.

De forma a complementar à análise das dissertações e teses, realizamos a mesma busca no site Periódicos da CAPES, onde o termo "xenofobia" gerou 555 resultados. Ao analisar esse quantitativo apenas pelos títulos, identificamos 71 artigos com potencial de contribuição a esta pesquisa, contudo, ao serem lidos em sua integralidade, apenas 2 revelaram compatibilidade real com a intencionalidade deste estudo. Como resultado, foram identificados dois artigos para análise, os quais estão representados no quadro 2.

Quadro 2. Artigos selecionados para o estudo

TITULO	AUTOR	ANO	PALAVRA CHAVE
Escritas Migrantes e Escritas Refugiadas como formação e identidade de mulheres na diáspora	Rosane Pereira Marques	2021	Gênero; Literatura; Migração; Refúgio
A escola pública e o acolhimento aos migrantes na cidade de São Paulo uma experiência na educação de jovens e adultos	Adriana de Carvalho Alves Braga	2021	Educação para imigrantes; Interculturalidade Identidade; Migrantes Bolivianas em São Paulo

FONTE: Organização das autoras com base no levantamento realizado no site Periódicos da CAPES

3 MIGRAÇÃO E XENOFOBIA RETRATADAS NA BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

A tese de Leila Maria de Oliveira (2019) tem como objetivo analisar os conflitos relacionados à presença de estudantes e filhos de imigrantes na rede municipal de ensino de São Paulo. O estudo pretende oferecer uma visão aprofundada das dinâmicas e desafios enfrentados por essas populações no contexto educacional, ao que a autora alerta:

As ações de migrar têm consequências, e, para o país que recebe imigrantes, há, entre outros efeitos sociais, econômicos e políticos, o que é chamado de xenofobia. [...] pode ser caracterizada como uma forma de preconceito que se manifesta por meio de ações discriminatórias e do ódio ao estrangeiro. (Oliveira 2019, p. 58)

A autora, ao longo de sua dissertação, destaca a importância do currículo escolar para a escola. Ela argumenta que o currículo não apenas orienta o processo de ensino aprendizagem, mas também



desempenha um papel fundamental na definição dos objetivos educacionais e na promoção de uma educação inclusiva e equitativa. Um currículo bem estruturado proporciona um guia claro para os professores, assegura a consistência no desenvolvimento das competências dos alunos e reflete as necessidades e diversidades da comunidade escolar. Assim, a eficácia do currículo é crucial para o sucesso educacional e para a formação integral dos estudantes:

[...] currículo de tradição humanista, que forma cidadãos para o convívio coletivo, é o que pode permitir que a educação escolar possa se reorganizar para receber novos estudantes, de diferentes nacionalidades, no seu cotidiano. A reorganização do currículo com vistas à diversidade cultural, étnica e linguística [...] (Oliveira 2019, p.65)

A presença de alunos migrantes nas escolas representa uma oportunidade valiosa para enriquecer o ambiente educacional. Cada aluno traz consigo uma bagagem cultural única e um potencial significativo para contribuir com a diversidade de perspectivas e experiências. A troca de conhecimentos e experiências entre os estudantes migrantes e os estudantes locais pode promover uma aprendizagem mútua enriquecedora, ampliando a compreensão intercultural e promovendo a empatia, uma vez que

A educação intercultural, [...] levanta a importância do convívio entre culturas diferentes, por favorecer questões pedagógicas, possibilitar a superação do racismo e integrar imigrantes e filhos de imigrantes no cotidiano escolar (Oliveira, 2019, p. 83)

No entanto, para que essa troca seja efetiva, é fundamental que os educadores estejam bem preparados e capacitados para implementar práticas pedagógicas inclusivas e adaptadas às necessidades de todos os alunos. Com um ambiente educacional receptivo e práticas pedagógicas adequadas, os estudantes migrantes podem não apenas se integrar mais eficazmente, mas também desempenhar um papel ativo e valioso na construção de uma comunidade escolar mais rica e diversificada:

A escola não deve ignorar o passado dos imigrantes, pois, quando isso ocorre, desconsidera seus hábitos, costumes, sua identidade, implantando novos, e quando isso ocorre, muitas das vezes, a criança não se adapta e a tendência é a evasão. (Oliveira 2019, p. 150)

Na dissertação de Alcino Gabriel da Silva Vernochi, a pesquisa foca em Corumbá (MS), que faz fronteira com a Bolívia. Embora a convivência entre brasileiros e bolivianos pareça pacífica, há sinais de xenofobia na região. O estudo investiga como essas práticas xenofóbicas se manifestam em escolas com muitos alunos bolivianos e brasileiros de ascendência boliviana. O autor descreve em sua pesquisa o Programa Escolas Bilíngues de Fronteira, estabelecido em 2008, que visa promover a interculturalidade entre as cidades vizinhas dos países fronteiriços com o Brasil, como Argentina. O



programa busca estreitar os laços culturais e educacionais entre essas regiões, facilitando a integração e o entendimento mútuo por meio da educação bilíngue:

[...]Uma das práticas do programa é a de valorização das culturas envolvidas, tendo por base as práticas de interculturalidade, que são divididas em três: usos da segunda língua; relação pessoal com um falante nativo da segunda língua e contato com um profissional da comunidade nacional/ cultural da qual essa língua é a expressão mais generalizada. Uma delas ajuda, de forma indireta, no combate à xenofobia, pois dá a possibilidade de exposição sistemática a uma relação pessoal com o falante nativo da segunda língua. (Vernochi 2022, p. 39)

José Ricardo Goncalves da Costa (2020), discute uma iniciativa destinada a enfrentar e minimizar o discurso de ódio contra os nordestinos e a variação linguística característica da região Nordeste do Brasil. Para alcançar esse objetivo, foi implementado um circuito de oficinas educacionais. Essas oficinas foram projetadas para estimular uma reflexão crítica nos alunos, com a intenção de promover uma compreensão mais profunda e empática sobre o tema. Costa (2020, p. 16) exemplifica que:

De certa forma por parte de algumas pessoas com instrução ou sem instrução, mostrando que além da xenofobia referente aos estrangeiros, como grande exemplo os haitianos, tem se no Brasil algo como uma “xenofobia interna”, com um discurso anti-regional, principalmente contra o Nordeste (Costa 2020, p.16).

Considerando o problema da xenofobia, foi desenvolvido um projeto específico para o contexto educacional, que consistiu em um circuito de oficinas, com o objetivo de abordar essa questão e promover uma mudança na percepção dos alunos e profissionais da área sobre os nordestinos. A ideia é que eles vejam os nordestinos sob uma nova perspectiva, reconhecendo que o Brasil é um país multicultural e que não há espaço para uma mentalidade que desvaloriza a cultura local. Afinal, o Brasil é resultado de uma fusão de culturas diversas. Além disso, é importante lembrar que a língua está ligada a essas culturas, e tanto a língua quanto as culturas estão em constante evolução, como é o caso da língua portuguesa praticada no país. Costa (2020, p. 18) justifica que:

Através do circuito de oficinas, o objetivo geral desta pesquisa é criar nos alunos a conscientização de que este tipo de preconceito está enraizado numa sociedade capitalista, cujo o direito dos menos favorecidos está nas mãos de uma elite, inclusive as regras normativas de uma gramática que não representa o português brasileiro em toda sua dimensão como uma língua que evolui diariamente.

Costa (2020) afirma que o preconceito linguístico é um meio de depreciar, muitas vezes veladamente, uma pessoa que não faz parte do seu meio natural. Neste contexto, entendemos que esse tipo de preconceito surge quando há discriminação contra variantes linguísticas que não correspondem ao padrão dominante, refletindo uma hierarquização das formas de fala. Ainda que o autor discuta a



situação de nordestinos brasileiros, podemos estender essa discriminação e observá-la com os bolivianos que vivem no Brasil, que, ao falarem o espanhol, frequentemente enfrentam preconceito linguístico quando suas variantes são desvalorizadas em comparação com o português padrão. Essa marginalização não apenas reforça estereótipos negativos, mas também contribui para a exclusão social desses indivíduos, evidenciando a necessidade de uma abordagem mais inclusiva que reconheça e valorize a diversidade linguística e cultural.

A autora Glauce de Lima Silva (2023), traz na sua dissertação, os estudos da migração que se tornaram cada vez mais importantes devido aos casos recorrentes de xenofobia e racismo que afetam as relações sociais, em particular, sinaliza para a presença crescente de imigrantes e refugiados africanos em situação de favelização no Rio de Janeiro. Tendo como objetivo principal entender a experiência de imigrantes e refugiados negros nas Escolas Municipais do Complexo da Maré, na cidade do Rio de Janeiro, Silva (2023, p. 43) ressalta que:

A escola é uma instituição que reproduz infinitos valores eurocêntricos, com a sua organização historicamente contaminada por discursos de poder, onde ainda percebemos a dificuldade das minorias em serem reconhecidas como agentes de suas histórias [...] fomentar essa discussão tem sido um dos objetivos desse trabalho, já que a escola pública deve ser instrumento de combate a toda e qualquer situação de exclusão.

A autora enfatiza a importância da interação linguística, destacando que a linguagem é um veículo de expressão cultural e identidade, possibilitando que os imigrantes compartilhem suas histórias e tradições. Ao aprender a língua do país de acolhimento, os imigrantes podem se sentir mais empoderados e integrados, contribuindo para uma convivência mais harmoniosa e rica em diversidade, alertando que:

O Brasil é um país de múltiplas línguas, apesar de preconizar a língua portuguesa como única, sobretudo nas escolas. A lógica mono linguística contribui para o apagamento de outras formas de expressão, o que nos alerta a refletir sobre como temos lidados com a diversidade. O sujeito quando em situação de imigração ou refúgio precisa abandonar muitas coisas em seu país de origem, trazendo consigo a língua como um dos poucos pertencimentos de sua cultura (Silva 2023, p. 37)

Glauce Silva (2023) destaca também a importância de se trabalhar a interculturalidade nas práticas pedagógicas na escola, enfatizando que essa abordagem enriquece o ambiente educacional e promove uma convivência mais harmoniosa entre os alunos. Ao incorporar diferentes culturas e perspectivas no currículo, os educadores não apenas ampliam o conhecimento dos estudantes, mas também fomentam o respeito e a empatia. Essa prática permite que os alunos se sintam valorizados em suas identidades, contribuindo para um clima escolar inclusivo e colaborativo. Além disso, ao aprender a respeitar e celebrar a diversidade, os estudantes se preparam melhor para viver em uma sociedade plural:



A educação intercultural é uma proposta que não apenas valoriza a diferença entre as culturas, mas também reconhece que essa valorização contribui para o processo de aprendizagem (Silva 2023, p. 77)

A tese do Valdiney da Costa Lobo (2018), propõe uma pesquisa autoetnográfica conceitualista sobre letramento de leitura em uma unidade temática que aborda relações raciais no ensino de língua espanhola para alunos do Ensino Médio. A pesquisa utiliza tiras em quadrinhos e teorias sobre identidade, racismo e xenofobia, buscando entender como as atividades de letramento podem ajudar os alunos a repensarem preconceitos e a desenvolverem práticas de resistência a essas opressões. A análise indica que, embora as atividades promovam reflexão crítica, poderia haver mais foco nos aspectos léxico gramaticais do espanhol para melhorar a aprendizagem da língua e a educação de reexistência.

O autor apresenta contrapontos sobre o uso das tiras em quadrinhos como ferramenta pedagógica para abordar questões relacionadas às práticas de racismo e xenofobia, destacando os desafios e limitações dessa abordagem. Embora as tiras sejam eficazes para problematizar essas questões de forma acessível e engajante, o autor aponta que elas podem simplificar a complexidade das dinâmicas raciais e xenofóbicas, correndo o risco de reduzir o impacto das discussões a estereótipos ou representações superficiais. Além disso, ressalta a necessidade de uma reflexão mais profunda sobre a forma como as tiras lidam com as narrativas históricas e sociais que perpetuam tais práticas, sugerindo que, embora úteis, as tiras não sejam uma solução definitiva para a desconstrução dessas problemáticas. Lobo (2018) também destaca a importância de um equilíbrio entre a abordagem lúdica e a profundidade crítica, de modo que as atividades de letramento possam promover uma análise mais robusta e uma maior conscientização sobre as raízes estruturais do racismo e da xenofobia:

As tiras representam uma arte sequencial capaz de construir representações de personagens e de sociedade em consonância com diversos posicionamentos sociais e políticos. Por isso, elaborar quadrinhos não é somente uma intervenção estético-cultural, mas, sobretudo, uma ação política, sinalizando para a possibilidade de desconstrução de paradigmas e vontades de verdade globais (Lobo 2018, p. 65)

Através dos quadrinhos, especialmente as tiras da "Turma do Fulano", são usados para dar visibilidade a discursos de reexistência e a culturas marginalizadas, como as de mulheres, negros e imigrantes, em um contexto global. A ideia central é que, por meio das múltiplas camadas de significados presentes nas tiras, essas narrativas podem destacar questões sociais e culturais, com foco nas relações de poder que influenciam a identidade dos personagens latino-americanos, particularmente brasileiros e bolivianos. Os quadrinhos não apresentam as vozes dissidentes como únicas, mas sim as colocam em diálogo com outras vozes sociais, permitindo a ressignificação de



práticas e questões sociais e culturais, ao abordar temas como racismo, xenofobia e as lutas indenitárias.

A proposta é, assim, gerar uma reflexão crítica sobre essas questões e promover a reexistência de grupos historicamente deslegitimados. Como a personagem La Boliviana, da “Turma do Fulano” que é uma adolescente imigrante, boliviana e mulher, desafia estereótipos e paradigmas essencialistas, propondo uma visão crítica sobre a construção de identidades racistas. Ela afirma que as noções de raça não são naturais, mas socialmente construídas. Ao compreender a raça como uma categoria discursiva, a tira busca romper com a visão homogênea de preconceitos contra imigrantes bolivianos, promovendo resistência através da interação entre as identidades de crianças em ambientes escolares. Essa interação abre espaço para legitimar os discursos e corpos das personagens bolivianas e brasileiras, por meio de uma atividade lúdica que visa integrar as identidades latino-americanas.

No artigo de Rosane Pereira Marques (2021), a busca é por compreender a escrita migrante e refugiada como formação e identidade de mulheres na diáspora, especialmente em contextos de vulnerabilidade, gênero e xenofobia. A pesquisa valoriza o papel da educação para mulheres e meninas, dentro do fenômeno crescente da feminização da migração e do refúgio, apontando para uma prática pedagógica inclusiva, que dê visibilidade a narrativas marginalizadas e contribua para a construção de uma educação mais humana e comprometida com a diversidade.

Percebemos as dificuldades vividas por mulheres que enfrentam não só o deslocamento forçado, mas também o racismo, o machismo e a exclusão por serem estrangeiras. Essas narrativas mostram que, em muitos casos, a migração acontece em um contexto de retrocessos sociais, agravados por políticas conservadoras e alianças com líderes religiosos que negam direitos básicos, levando-nos a refletir sobre o corpo da mulher migrante que é atravessado por múltiplas formas de opressão e como sua integração na sociedade é marcada por desigualdades. Também nos fazem pensar na importância de práticas pedagógicas que acolham essas vozes, que discutam gênero, raça e direitos humanos, e que deem espaço para a escuta e valorização de experiências diversas.

O artigo de Adriana de Carvalho Alves Braga (2012) analisa o acolhimento e a socialização de estudantes imigrantes, especialmente mulheres bolivianas, na escola pública de São Paulo, abordando temas como identidade, estereótipos, xenofobia e etnicidade. Através da experiência docente na Educação de Jovens e Adultos, o texto destaca a importância do acesso à educação para o sucesso do projeto migratório e da mobilidade social, além do aprendizado da Língua Portuguesa:

[...] a presença dos imigrantes na escola propõe o debate sobre a inadequação de uma proposta de ensino monocultural que, pensada de forma homogênea, concretiza-se enquanto ação pedagógica voltada a um público multicultural. Ignorar e tornar invisíveis as diferenças culturais no processo educativo acarretam prejuízos para os aprendizes e o contrário disso seria justamente a compreensão da dinâmica escolar como espaço de produção de problematizações da prática social (Braga 2021, p.80)



A autora descreve uma prática pedagógica de inclusão ao migrante por meio de festas bimestrais, nas quais os estudantes imigrantes são incentivados a compartilhar pratos típicos de sua cultura, como uma forma de estreitar laços de amizade e promover a integração entre brasileiros e imigrantes. Essa estratégia vai além de uma simples atividade social; ela tem um caráter pedagógico ao valorizar a cultura dos imigrantes, permitindo que esses estudantes compartilhem suas tradições e identidades com seus colegas e professores. Ao promover esse tipo de troca cultural, a escola contribui para a inclusão social e a construção de uma convivência intercultural, fundamentais para a formação de um ambiente escolar mais respeitoso e acolhedor. Assim, práticas como essa não só ajudam a reduzir estereótipos e preconceitos, mas também ensinam aos alunos a importância da diversidade e a convivência harmoniosa em uma sociedade multicultural.

4 AÇÃO PEDAGÓGICA CONTRA A XENOFOBIA E A FAVOR DAS PESSOAS

O professor desempenha um papel fundamental como mediador no processo de ensino-aprendizagem, sendo o elo entre os conteúdos e o estímulo à aprendizagem do estudante. Ao atuar como facilitador do aprendizado, o educador deve criar um ambiente que promova a curiosidade, o questionamento e a descoberta. A mediação do professor vai além da simples transmissão de informações; ela envolve o estímulo ao pensamento crítico, à autonomia e à reflexão, permitindo que o aluno construa seu conhecimento de forma ativa e personalizada, com base em suas experiências e contextos. Como Oliveira (1991, p. 26) explica:

[...] mediação, em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa então de ser direta e passar ser mediada por esse elemento. Vygotsky, trabalha, então, com a noção de que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mais fundamentalmente, uma relação mediada (Oliveira 1991, p. 26)

A mediação docente também implica em adaptar o ensino às necessidades individuais de cada aluno. Considerando que a sala de aula é composta por um grupo heterogêneo, o professor deve ser capaz de identificar diferentes ritmos de aprendizagem e ajustar suas estratégias de ensino para que todos tenham oportunidades de desenvolver suas habilidades. Isso envolve a escolha de métodos e recursos que favoreçam a participação e o engajamento de todos, além de promover uma comunicação aberta e constante com os alunos, facilitando a troca de ideias e esclarecendo dúvidas.

Além disso, o professor, como mediador, tem a responsabilidade de criar uma relação de confiança e respeito com seus alunos. Esse vínculo é essencial para que o estudante se sinta seguro para expressar suas opiniões, erros e acertos, sem medo de julgamento. Um professor que sabe escutar, orientar e incentivar seus alunos de forma empática contribui significativamente para o desenvolvimento de uma aprendizagem mais significativa e transformadora, em que o aluno não é um mero receptor de informações, mas um protagonista no seu processo de aprendizagem.



A mediação do professor em contextos de diversidade cultural e étnica é um elemento central nos estudos de Oliveira (2019), Vernochi (2022) e Costa (2020), embora cada autor destaque diferentes dimensões dessa atuação. Em comum, está o entendimento de que o professor precisa estar preparado para atuar como agente transformador, promovendo inclusão e combatendo preconceitos no ambiente escolar.

Para Oliveira (2019), o professor exerce papel crucial ao interpretar e aplicar um currículo que valorize a diversidade cultural. A autora defende que um currículo humanista e inclusivo precisa ser mediado por educadores sensíveis às realidades dos alunos imigrantes. Sem essa mediação consciente, a escola pode reforçar práticas de exclusão, levando até à evasão escolar, como alerta a autora:

Entretanto, o desafio da mediação docente vai além da aplicação curricular. O professor também precisa intervir pedagogicamente nas relações sociais dentro da escola. É nesse sentido que Costa (2020) propõe um contraponto importante: a existência de uma “xenofobia interna” — um tipo de preconceito contra nordestinos e suas variações linguísticas. O autor mostra que, mesmo sem envolver estrangeiros, a intolerância cultural persiste no cotidiano escolar brasileiro. A resposta proposta é o circuito de oficinas, onde o professor atua como facilitador do pensamento crítico e da empatia:

Já Vernochi (2022) amplia o debate ao tratar da mediação do professor em regiões de fronteira, como Corumbá (MS), onde o Programa Escolas Bilingües de Fronteira busca integrar alunos brasileiros e bolivianos. O professor, nesse caso, precisa transitar entre línguas e culturas, valorizando as identidades dos alunos por meio de práticas interculturais. A mediação se dá tanto no plano linguístico quanto nas relações interpessoais, sendo essencial para desconstruir estereótipos e práticas xenofóbicas:

A mediação do professor em contextos de imigração, refúgio e diversidade étnico-racial vai muito além da transmissão de conteúdos. Ela se constitui como uma ação política, pedagógica e cultural, profundamente situada nas disputas por reconhecimento, pertencimento e inclusão. Os autores analisados compartilham a compreensão de que a atuação docente deve ser crítica, intercultural e engajada, mas oferecem diferentes caminhos para essa mediação. Silva (2023), por exemplo, critica o modelo escolar tradicional que reproduz valores eurocêntricos e adota uma lógica monolinguística, que apaga as identidades dos imigrantes e refugiados africanos. Para a autora, a mediação do professor precisa romper com esse modelo, reconhecendo a língua como um símbolo de pertencimento e acolhendo os alunos em sua totalidade cultural. A escola que ignora essas identidades contribui para sua exclusão simbólica:

A mediação docente, nesse caso, exige um movimento contra-hegemônico, de abertura para a escuta e valorização da diversidade linguística e cultural. Lobo (2018) enfatiza que o professor pode e deve utilizar recursos visuais e narrativos que dialoguem com a realidade dos alunos e promovam o



letramento para a resistência (ou reexistência). Ao dar voz a personagens marginalizados, como “La Boliviana”, o professor atua como mediador de novas narrativas identitárias. No entanto, Lobo alerta para os limites dessa mediação, quando ela não é acompanhada de profundidade crítica, carecendo de um equilíbrio entre forma e conteúdo, pois a mediação não deve se limitar ao engajamento lúdico, mas provocar reflexão crítica, histórica e estrutural sobre o racismo e a xenofobia.

Marques (2021) propõe que o professor seja um mediador da escuta e da escrita das experiências migrantes, especialmente das mulheres. A autora articula a prática pedagógica com a produção de narrativas e memórias como forma de legitimar vozes historicamente silenciadas. A mediação docente, portanto, deve abrir espaço para que os alunos produzam saberes a partir de suas vivências, reconhecendo as múltiplas opressões que atravessam o corpo da mulher migrante. O professor, nesse contexto, deixa de ser apenas um transmissor e torna-se curador de vozes, articulando interdisciplinaridade, história e identidade.

Braga (2021), propõe um olhar mais pragmático e cotidiano da mediação do professor. Ao relatar práticas como festas interculturais, ela mostra como ações simples podem se tornar instrumentos de inclusão, ao dar visibilidade às culturas imigrantes e promover o encontro entre diferenças. A mediação, para ela, se realiza quando o professor torna o cotidiano escolar um espaço de diálogo e valorização da diversidade. Essa abordagem revela que o professor também media relações sociais, quebrando barreiras invisíveis por meio de ações simbólicas e afetivas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos desafios impostos pela presença crescente de imigrantes e refugiados nas escolas brasileiras, especialmente em contextos marcados por desigualdade e exclusão, torna-se para nós evidente o papel central da mediação do professor. Os autores analisados ressaltam que essa mediação vai além da simples transmissão de conteúdos: ela envolve o reconhecimento das identidades culturais, linguísticas e sociais dos alunos, a valorização de suas histórias de vida e a promoção de práticas pedagógicas inclusivas e críticas. A atuação docente, portanto, deve ser intencionalmente comprometida com a construção de uma escola acolhedora, que enfrente o racismo, a xenofobia e demais formas de opressão de forma ativa, seja por meio do currículo, das linguagens ou das ações do cotidiano escolar.

Assim, cabe ao professor o papel de agente transformador, capaz de romper com paradigmas excludentes e promover uma educação verdadeiramente intercultural, antirracista e plural. A escuta sensível, o respeito à diversidade e a incorporação de narrativas dissidentes ao processo de ensino-aprendizagem são caminhos possíveis para a construção de uma escola mais justa e democrática. Dessa forma, ao mediar saberes e experiências diversas, o professor não apenas ensina conteúdos, mas



contribui para a formação de sujeitos críticos, conscientes e preparados para viver em uma sociedade cada vez mais multicultural.

É crucial adotar abordagens que valorizem a diversidade cultural, como a promoção de um currículo bilíngue e atividades que incentivem a troca de experiências entre estudantes de diferentes origens. Programas de acolhimento e tutoria, bem como a capacitação dos professores para lidar com questões relacionadas à migração e preconceito, são fundamentais para criar um ambiente inclusivo. Essas práticas visam não apenas facilitar a adaptação dos estudantes migrantes, mas também enriquecer a experiência educacional de toda a comunidade escolar.



REFERÊNCIAS

- BRAGA, Adriana de Carvalho. A escola pública e o acolhimento aos migrantes na cidade de São Paulo uma experiência na educação de jovens e adultos. Caderno de Pós-Graduação. v. 20, n. 1, p. 77-90, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/cadernosdepos/article/view/19284/9103>. Acesso em: 14/06/2026.
- COSTA, Jose Ricardo Goncalves. Histórias em quadrinhos como recurso pedagógico contra a xenofobia e o preconceito linguístico. Pelotas: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul Rio Grandense. Disponível em: https://sucupiralegado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9284668. Acesso: 12/06/2025
- EGUES, Laiz Nascimento, TAVANO, Patrícia Teixeira. Xenofobia no ambiente escolar e as escolas públicas municipais de Corumbá – MS. Revista GeoPantanal. n. 36, p. 97-112, 2024 Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/revgeo/article/view/21424>. Acesso em: 12/06/2025
- LOBO, Valdiney da Costa. Educação de reexistência no ensino de língua espanhola: problematizando discursos racistas e xenófobos na produção de tiras em quadrinhos e de uma unidade temática. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Linguísticas Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (TESE). 2018. 215f. Disponível em: https://sucupiralegado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6481320. Acesso em: 12/06/2025
- MARQUES, Rosane Pereira. Escritas migrantes e escritas refugiadas como formação e identidade de mulheres na diáspora. Caminhos da Educação: diálogos culturas e diversidade. v.3, n 2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/2370/2164>. Acesso em: 14/06/2025.
- OLIVEIRA, Leila Maria de. Imigrantes, xenofobia e racismo: uma análise de conflitos em escolas municipais de São Paulo. Programas de Pós-graduação em Educação em Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2019. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/22442/2/Leila%20Maria%20de%20Oliveira.pdf>. Acesso: 12/06/2025
- SILVA, Glauce de Lima. Perspectivas sobre o processo de escolarização de alunos imigrantes e refugiados nas escolas municipais do Complexo da Maré/RJ. Pós Graduação do Centro Federal de Educação Tecnologia Celso Suckow Da Fonseca – CEFET/RJ. 2023. Disponível em: https://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/215_Glauce%20de%20Lima%20Silva.pdf. Acesso em: 12/06/2025
- TAVANO, Patrícia Teixeira; SANTOS, Tarissa Rodrigues Marques dos; AMARAL, Laura Helena dos Santos; MARTINEZ, Flávia Wegrzyn Magrinelli. Educar me fonteira internacionais demandas e encaminhamentos do sistema publico municipal de Corumbá/Mato Grosso Do Sul. Revista Tempo do Mundo. V. 35. 2024. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/revistas/index.php/rtm/article/view/583/430>. Acesso em: 10/05/2025
- TRAJANO, Douglas de Oliveira. Detecção de linguagem tóxica aplicada a textos em português. Programa de Pós Graduação em Ciência da Computação Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul 2023. Disponível em: https://sucupiralegado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13812476. Acesso em: 26/06/2025

VERNOCHI, Alcino. Xenofobia em ambiente escolar fronteiriço: uma análise de estudo de caso de Corumbá-MS (BR). Programa de Pós- graduação em Estudos Fronteiriços - Repositório de Dissertações. (Dissertação de Mestrado). 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/5670>. Acesso em: 12/06/2025

